

UM RESUMO DO ESTUDO

Uma Conferência dada a 4 de Agosto de 1964

Muito obrigado.

Estamos a quantos de quê?

Quatro de Agosto, AD 14. Um dia memorável, porque é o dia seguinte ao desfile do feriado, e ninguém está com pneumonia devido à chuva que costuma cair nos feriados. Um dia muito memorável.

Curso de Instrução Especial de Saint Hill, 4 de Agosto A.D. 14.

Muito bem. Parece que conseguiram bater recentemente alguns recordes nas classificações dos vossos exames. As vossas classificações nos exames sobre conferências, etc., estão a subir muito de nível, e eu estou muito orgulhoso de vocês por isso. Muito obrigado.

Além da vossa brilhante compreensão do assunto, isto também se deve em parte ao facto de eu vos ter andado a falar e a ensinar algo acerca do estudo, e acho que vocês aprenderam bastantes coisas acerca do estudo nas últimas semanas; e esse é o assunto desta conferência.

Quero dar-vos nesta conferência, antes que arrefeça, um breve resumo, não importa quão inacabado e tosco, nem quão bem elaborado virá a ser, das coisas que aprendi acerca do estudo, e vou bater o recorde ao fazer uma conferência a partir de notas. Mas não quero ir mais longe sem fazer disto assunto de conferência e gravação, porque descobri que estava a tornar-se "obscuro no meu crânio". E ultimamente guardo muito pouca informação no meu crânio, e a que lá ponho tende a ficar obscura porque se perde. Portanto, não quis que isto acontecesse e resolvi dar-vos esta informação acerca do estudo.

Bom. Não havia uma tecnologia de estudo ou uma tecnologia de educação. Isto parece uma afirmação muito forçada e fantástica, mas é verdadeira. É verdadeira. Havia uma espécie de tecnologia escolar, mas não tinha muito a ver com educação. Vêem, havia a tecnologia de como ir à escola e de como ser ensinado na escola, e como ensinar as crianças a ir à escola, e como fazer a escola primária, e como ser examinado, e como chegar à universidade e assim por diante. Existia uma grande quantidade de tecnologia escolar. E vocês devem distinguir tecnologia escolar de tecnologia educativa - é a primeira coisa que vos peço - visto que a educação, nos seus retoques finais, raramente tem algo a ver com a escola.

O engenheiro que saiu da escola, que se apresenta ao trabalho, e que foi maravilhosamente ensinado sobre as diferentes formas de fazer cálculos para achar a curva para medir a quantidade de cascalho existente numa pilha irregular; e ao calcular a curva das diferentes secções desta pilha, medidas e formuladas com muito cuidado, é então capaz de olhar para uma barcaça, medi-la, e finalmente dizer quanto cascalho há nela.

Isto aconteceu na vida real; aconteceu em Cavite antes da guerra, muitos anos antes da guerra. Havia um jovem engenheiro acabado de sair da escola que fez isto mesmo. Calculou a quantidade de cascalho que havia numa barcaça por meio de Cálculo Integral, e foi bastante difícil.

E tinha sido enviado pelo engenheiro-chefe do estaleiro para verificar se tinham cascalho suficiente, e não regressou durante a maior parte da tarde. Por fim, o engenheiro-chefe ficou muito, muito curioso em relação a isto, e foi procurar o jovem engenheiro e ver o que ele estava a fazer, e se tinha sido ou não comido pelos tubarões ou coisa assim. E encontrou-o a pôr os retoques finais no trabalho, e comunicou-lhe - o jovem comunicou ao engenheiro-chefe - o resultado com ar de triunfo, que havia entre 115,22 e 115,38 metros cúbicos de cascalho disponível. Tinha páginas cheias de cálculos. E o capataz, um filipino que estava ali

perto, olhou com irritação para o jovem engenheiro e disse: "Então era isso que você estava a fazer?" E antes que o engenheiro-chefe pudesse intervir e descobrir o que se passava, acrescentou: "Vê aquelas marcas na proa e na popa da barcaça? Bom, elas indicam a quantidade de cascalho que há na barcaça!"

Tive um maravilhoso exemplo de quanto o ensino escolar pode ser *pedante* em contraste com a educação. Li a noite passada uma dissertação sobre diapositivos, preparação de diapositivos para projectores. E, meus caros, continha os cálculos mais complicados sobre a distância a que se tinha que estar da tela, e qual a densidade que o diapositivo tinha que ter para se conseguir uma projecção correcta numa sala de conferências. E isto alongava-se de tal forma que, se eu não tivesse experiência pessoal neste campo, teria tomado aquilo muito a sério. Mas a dissertação era de alguém... acho que a caneta dele se movia por si mesma e ele não conseguia detê-la. Porque o que se faz quando os diapositivos são escuros é obter uma lâmpada mais radiante. Não andamos a deslocar o projector para a frente e para trás na sala e calcular a super-reflexão do ecrã, e todo esse tipo de coisas. Então, com a grande experiência que eu tinha (e é uma experiência considerável, sabem; tenho conhecimentos acerca de diapositivos e densidades, e desse tipo de coisas, por experiência), sabia que esses dados que me estavam a ser fornecidos de maneira tão minuciosa tinham muito, muito pouca importância. Era interessante. Sabem, era interessante que alguém escrevesse tanto sobre o assunto.

Porém, não há muito tempo atrás, num circo, o Reg eu e o Bonwick, usando cabos de corrente eléctrica que não condiziam e um lençol vulgar esticado entre dois postes do circo, ampliámos uma imagem quatro ou cinco vezes mais do que alguma vez fora previsto para essa imagem ou para o projector. Toda a gente ficou encantada; as imagens ficaram lindamente. Tínhamos um ecrã de quatro metros por quatro, feito de lençóis que até tinham rugas. Só houve um diapositivo a que estas deram um aspecto estranho, um só entre cerca de duzentos. A ruga ficou casualmente na cara de um jovem e deformou-a. Mas não foi de todo uma situação crítica.

Pega-se em qualquer diapositivo de uma densidade qualquer, mete-se num projector, então, com luz suficiente, estica-se um lençol para reflectir a imagem e tem-se a melhor projecção de diapositivos alguma vez sonhada, e ninguém terá nada a censurar. Duas páginas de texto sobre como calcular a densidade de um diapositivo, não é um problema crítico.

Portanto a educação, ao contrário do ensino escolar, toma em linha de conta a importância relativa dos dados que são ensinados. Isto é importantíssimo. A importância relativa dos dados que são ensinados, o que quer dizer, a aplicabilidade relativa dos dados que são ensinados... a aplicabilidade. Ora, o ensino escolar, ao contrário da educação, não se preocupa realmente com a aplicabilidade, não tem tal preocupação.

Tem a mesma importância para o sistema de educação do tipo pedante ou escolástico, esta tecnologia, que "Plínio, em mil novecentos e troca-o-passo como se menciona neste ponto e no ponto acima mencionado com ponto e vírgula, descobriu que existiam esturjões". Bem, e que faremos nós com este dado? E, contudo, toda a carreira de um homem podia ter sido destruída, vejam, pela incapacidade de expor este facto, alto e em bom som. Isto vem sob o título "Pesca"; "Ictiologia", vêem - pesca, peixes. O tipo vai trabalhar no Serviço de Pescas, percebem? No exame final perguntaram-lhe: "Quem, como e quando descobriu os esturjões?" Estão mesmo a vê-lo, jovem bolseiro no Serviço de Pescas, ao largo da costa norte da Noruega, com ventos a soprar a cerca de quarenta graus abaixo de zero, tentando contar o número de barcos de pesca do arenque que andam por ali e que vai ter de salvar nas próximas 24 horas, a fazer uso desse dado sobre Plínio. Está-se mesmo a ver! Inaplicável!

Portanto, existe uma espécie de pomposidade que acompanha o campo da escolaridade e que não tem fundamento real na educação. Encontrarão isto no campo das artes. Encontrarão pessoas que pensam realmente que têm qualidades artísticas e sabem mesmo alguma coisa

sobre arte, mas só sabem papaguear um certo número de quadros. "Há este quadro e aquele e mais o outro, e assim por diante, e foi pintado por João Babão", sabem, "em 1710". Entendido?

E vocês perguntam: "Jovem, o João Babão pintava com quê? O que é que ele utilizava?"

"Oh, hum-hu-ah-ah. Acho que é um óleo." Mas sabe que foi em 1710, vêem? E sabe que o pintor era o João Babão, e sabe que o nome da pintura é *Manhã de Vergonha* ou coisa assim.

Mas se se pergunta a este tipo: "Ele pintava com quê?"

"Oh, acho que era - acho que é um óleo. Eu - acho que é um óleo. Eu - eu acho que é um óleo. É um óleo."

Bem ele não faz ideia. É um dado muito valioso saber com que se pintava em diversas épocas. Vejam, isso é muito valioso. Pode-se usar. Bem, vocês - simplesmente um possível uso muito rudimentar - vê-se qualquer coisa pintada a tinta com emulsão de óleo de amendoim, fabricada pela ICI e alguém diz que data de 1510. Sabe-se logo que há um erro, porque nesse tempo não se fazia tinta com emulsão de óleo de amendoim - isto é um exemplo muito grosseiro, percebem? Mas pode-se perceber que o dado tem alguma aplicabilidade na descoberta da autenticidade. Ele pintava com quê? Este é um dado bom e aplicável, estão a ver?

Vou dar-vos um dado paralelo. Ontem revirei enciclopédias para descobrir se alguém mencionava uma certa forma de arte. Não o encontrei em parte alguma, mas descobri num dicionário que *doré* queria dizer "dourado". Achei isto muito interessante, porque o nome que eu procurava como forma artística era "Tipo Doré", e assim não sabia como sair do impasse. Pensei que provavelmente era um nome de homem, talvez tivesse relação com Gustave Doré, sabem, e as suas gravuras a ácido. Não, não tinha que ver com um homem, e assim a coisa não sobreviveu como nome, porque não era o nome de um homem, compreendem? Era simplesmente um tipo de reprodução artística em tons dourados. Chamaram-lhe, portanto, "Tipo Doré", e esse nome é tão esotérico que apenas sobreviveu nas camadas super, super-profissionais. Um tipo que estivesse realmente em cima do acontecimento e investigasse tudo, saberia que existia uma coisa chamada "Tipo Doré", percebem? De outro modo não saberia nada acerca da existência de tal coisa. Por exemplo, um daguerreótipo é algo que toda a gente sabe que existe, percebem? Não era nada disso; mas o que era um "Tipo Doré"?

Bem, isso torna-se importante ao examinar o desenvolvimento da exposição de imagens, a exposição de imagens e tudo isso. Existia portanto um tipo de que resultava uma singular exposição de imagens. Devemos ser capazes de investigar os antecedentes destas coisas. Para além disso, na verdade, que tenha sido inventado pelo Sr. Pano ou pelo Sr. Cano não tem muito que ver com o caso; mas como era feito, vejam, e em que época - oh, isso sim, teria muito que ver, percebem?

Por isso, quando se trata de educação, vocês têm que ter muito cuidado para não se inclinarem demasiado para a significância. Não se inclinem para a significância exclusiva da massa. Este é um dado muito interessante. Agora, quando se contrapõe a significância à massa entra-se na acção; e a *acção* pode ser definida como "significância contra massa" de qualquer espécie. Isto é exagerar um pouco, compreendam, mas a razão pela qual uma pessoa se lança na acção ou na "doingness", e assim por diante, é porque tem uma ideia de realizar qualquer coisa, ou de fazer qualquer coisa, ou evitar qualquer coisa, ou... Há uma significância aí, sabem? Há uma ideia acerca disso. Mesmo que... mesmo quando olhamos para uma porção de partículas a voar no ar e dizemos: "Isto é uma confusão", acrescentámos significância à massa, não vêem? Compreendem isto?

Porém, na educação, quando a significância nunca é acrescentada à massa, mas permanece com a sua pureza intacta, completamente sozinha, o vosso programa escolar tende a ficar

obstruído: não há doingness (o fazer). Vamos ser realistas a respeito disto, percebam. Acabo de vos dar um exemplo disto, de quem inventou o quê, vêem? E agora digamos: "E houve um grande conflito entre estes dois homens num momento particular. Um deles tinha uma ideia mais vasta do destino da sua descoberta do que o outro". Oh, o que tem isto a ver com o assunto? É um dado não relacionado, estão a perceber? Apenas uma significância; não tinha nada que ver com a doingness ou com a acção, nem com a massa que estão agora a confrontar. E tudo quanto faz é passar-vos uma rasteira. Estão a captar a ideia?

Assim, a escola é perita em passar rasteiras, até ao ponto de nos interrogarmos se a escola alguma vez tem em mente a educação. Por isso pode-se ter uma tecnologia escolar que ensine, mas que nunca realmente eduque, nunca treine realmente pessoa alguma. Compreendem? Mas podia ser maravilhosa. Podia-se encher a universidade com cursos de *As Obras de Thomas Hardy*. Podiam ter *Os Apuros dos Mineiros da Costa da Cornualha no Tempo dos Romanos*. Podiam ter *O Número de Sinónimos e Antónimos usado pelos Caçadores e Caçadoras do Século Dezasseis*. Podiam ter cursos onde se chumbavam as pessoas por se referirem à palavra errada, por usarem a palavra errada em relação ao grupo errado de animais, percebem? Sabem, é como ter "ninhada de codornizes", vejam, e ter "ninhada de raposas", sabem, esse tipo de coisas, entendido? Muito pedante!

Mas qual é o erro básico aqui? O erro básico - volto agora a ele - o erro básico consiste simplesmente de não acrescentar a massa ou doingness à significância; vejam, não acrescentar a massa ou a doingness à significância. Diz-se: "Este indivíduo foi um bom pintor. Pintou, pintou, pintou, pintou e pintou. Bem, pintou muito". Pode-se dizer isto de 90.000 formas diferentes. "Levou as suas primeiras sete esposas à loucura porque não dava atenção a

alguma além da pintura." Bom, isso é um dado curioso, mas não é um dado educacional. É apenas uma curiosidade. Mas o que foi que ele pintou, percebem? O estudante, portanto, tem que ser tomado em consideração. O estudante está a tentar tornar-se pintor, e receio que tenham passado tanto tempo a ensinar-lhe quantas esposas os pintores tiveram ou deixaram de ter, que a sua ideia de pintura seja casar e divorciar-se, ou transformar-se num catálogo ambulante.

Bem, é claro, se é juiz, se se vai ser juiz ou crítico profissional, não pintor, mas um indivíduo destes, naturalmente quererá ser um catálogo ambulante, vêem? Quererá esmagar toda a gente. Sobressair na multidão, sabem? Caminhar e olhar para as coisas desta forma, desta forma: "Sim, este pintor aqui copiou... copiou Hans Verboten. Sim, é um pintor muito obscuro de 1416. Percebem? Quererão saber coisas dessas, sabem, os que vão seguir tal carreira.

Mas ser pintor... e é por isso que quase nunca sai um artista de uma universidade. E quase impossível. Nunca aconteceu... e ensinar a escrever contos. Eles arruínam tantos escritores! Bem, é interessante examinar como o fazem, e separam a significância da acção. Separam estas duas coisas, de forma que se obtém uma significância pura sem qualquer acção ou massa ligada a ela. E quando se faz isto acaba-se mais ou menos por ter o indivíduo a não confrontar o assunto, e o fulano fica introvertido. E a forma de um estudante ficar introvertido é dar-lhe demasiada significância e demasiado pouca doingness e demasiado pouca massa.

Na verdade não sei como dizer isto mais claramente do que estou a dizer. Se vão ensinar alguém sobre rolamentos de esferas, dêem-lhe rolamentos de esferas! É assim tão difícil? Entendem?

Assistência: Não.

Não lhe ensinem a história dos rolamentos de esferas! Estou a fazer mais sentido?

Assistência: Sim.

Muito bem. Isso faz sentido? Não faz?

Assistência: Sim.

Por conseguinte, quando se desliga a significância da acção e se separam as duas coisas, pode-se ter escolaridade mas não se tem educação. É basicamente assim que isto é feito

Se queremos acabar por ter montes de diplomados incapazes de *fazer*, se queremos acabar por ter montes de pintores que não sabem pintar, montes de médicos que não sabem "medicar", de engenheiros que não podem "engenhar", então, co'a breca, vamos simplesmente... tudo quanto têm que fazer é separar a doingness e a massa ligadas ao assunto e arrumar estas num canto como algo com o qual não queremos ter muito a ver, e entrar numa significância total. E depois consegue-se uma pessoa muito pouco prática, e esta é a única maneira como o fazem. Não existe nenhuma outra. E se fizerem isto muito intensamente, ela nunca deixará a escola, nunca sairá de facto da escola; tornar-se-á um professor.

Agora, uma coisa que aprendi foi que ensinar, para alguém que não é capaz de fazer, é um erro terrível. Vamos ser realistas aqui em Cientologia. Se os nossos instrutores não soubessem auditar... *gahhh! uuhhh!* O que aconteceria? Se os nossos instrutores não soubessem auditar, que catástrofe teríamos de enfrentar em todas as linhas educacionais? Suponhamos que todos eles conheciam a história da audição, e que podiam dar-vos os capítulos e versículos de tudo quanto se escreveu sobre o assunto, e dizer exactamente onde encontrar tal coisa, e quantas páginas tem; suponhamos que podiam fazer isso, mas não podiam auditar. Isso seria um tanto catastrófico. E qualquer dificuldade que um instrutor encontra em ensinar tem um bocadinho a ver com algo que, ele 'não confronta' acerca da doingness ou da massa do assunto. Estão a ver a ideia?

Portanto, um instrutor descobre que não gosta realmente de ensinar Geometria ou coisa que o valha. Bem, ele não consegue fazer coisa alguma em Geometria. Compreendem? Fica às cegas nessa direcção particular.

Bom, isto tornou-se tão evidente na minha inspecção e estudo do estudo, que praticamente fiquei mudo de espanto. Vai ao ponto de a pessoa, que está simplesmente a escrever os relatórios de outros que sabem do ofício, estar demasiado distante para executar um bom manual. Uma pessoa que escreve relatórios de pessoas que sabem do seu ofício, seja quem for as pessoas que consulte, está demasiado distante da doingness e da massa para fazer um bom manual que possa ser estudado. Isto é extraordinário.

Agora, compreendem que toda esta história que vos estou a transmitir aqui sobre este assunto em particular, surgiu quando me apercebi de que, se queríamos passar a um nível mais elevado e sabíamos alguma coisa a respeito da mente, tínhamos que concluir outro assunto que é totalmente separado daquele que estávamos a concluir. Esta é a nossa herança de erros cometidos no passado. Não se levou até ao fim o assunto da educação, por isso nós temos de o fazer, vejam, para podermos educar; apenas para nossa aplicação prática, entendem? Bem, eles não o fizeram. Receberam muito dinheiro, foram pagos para o fazer, mas não o fizeram, vêem? Por isso sentimos a mesma irritação que sentiríamos com o agulheiro que está lá em baixo junto dos carris, que recebe um salário para mudar as agulhas e não o faz, sabem, e o *Twentieth Century Limited* descarrila, percebem? E vocês dizem: "Aquele grandessíssimo *bla bla bla* e *bla bla*... era o trabalho dele e não o fez", percebem? É a mesma coisa, a mesma coisa. E aqui estamos. Temos um assunto difícil de confrontar porque estamos a estudar aquilo que somos, e deveríamos ter o assunto da educação bem preparado. Em vez disso, está simplesmente em desordem. Há muitos preconceitos neste domínio.

Por conseguinte, reconheci que era necessário - embora já tivéssemos feito muitas incursões por aí - reconheci que era necessário obter um novo ponto de vista sobre este assunto. Portanto tomei uma linha de estudo similar ou análoga, na medida em que se trata de um assunto

prático - se sabem certas coisas e se fazem certas coisas obtêm um certo resultado, vêem, essa espécie de assunto prático - e, no entanto, um assunto que entra no domínio das artes, vejam, de modo que tenham de ter algum critério e bom gosto e assim por diante. E peguei neste assunto: primeiro, porque estava disponível; segundo, porque tinha algum interesse por ele; mas sobretudo porque oferecia um esquema bastante decente do que um auditor faria.

Por outras palavras, ele tem certas teorias e acções que é suposto executar, as quais, quando aplicadas, produzem um certo resultado se forem usados critério e bom gosto. Bom, não é a mesma coisa; a audição e a fotografia estão muito longe de ser a mesma coisa. Porém, a audição tem isto em comum com fotografia: quando se fazem certas coisas e se fazem correctamente, acaba-se por obter um resultado, um certo resultado. Mas se se fazem as coisas com alguns erros, não se obtém resultado, percebem? Mas também, se se fazem essas coisas e não se usa bom senso, também não se alcança o resultado, entendem? É uma acção comparável.

Portanto, escolhi este campo particular e comecei todo um curso profissional espectacular, com maiúscula, de "A" a "Z" até ao último detalhe. Então, este foi intercalado durante os últimos meses no meio de todas as outras coisas que tenho tido que fazer. Contudo aprendi muito sobre isso, apenas pela experiência subjectiva de algo que estava fora do assunto que estamos a tratar, alguma coisa de que eu tinha um conhecimento diletante e assim por diante. E, como vos mostrei no outro dia, penso que comecei a obter resultados de profissional. Por conseguinte, o curso foi bem estudado e conduziu a um resultado finito, no fim de tudo.

Já ultrapassei o ponto de... de o estudar apenas, e posso de facto desenvolver os pontos e partes necessários para produzir melhores resultados, estão a perceber? Já galguei essa fronteira. Por exemplo, é correcto fazer isto e aquilo e mais aquilo, e fazemos as coisas exactamente como vêm no manual; mas se formos muito bons a utilizar o manual, então, podemos dar aquele retoque extra aqui que faz uma obra-prima, estão a perceber? Por outras palavras, podemos usar o manual tão bem que podemos raciocinar enquanto o usamos. Compreendem? Bom, é por isso que tenho estado a passar.

E desde o princípio notei muitos pontos que nunca me teriam chamado a atenção se não estivesse a trabalhar num campo de estudo completamente novo. A propósito, este não é um campo em que eu fosse totalmente novato. Na realidade fui treinado em câmara-escura e esse tipo de coisas, do ponto de vista prático. Portanto adquiri um novo ponto de vista de que só o treino prático não basta. Não se pode simplesmente dar as ferramentas a um indivíduo e dizer-lhe: "Muito bem. Agora, brinca com isso e vai trabalhar no *Daily Express*, e observa os profissionais entrar e sair em azáfama da câmara escura do *Daily Express*, e quando tiveres feito isso por tempo suficiente serás um bom fotógrafo". Isto não é verdade! Tenho provas fabulosas de que não é verdade. As provas estão perante os vossos olhos todos os dias quando passam os olhos pelo jornal. Aquilo que se costuma chamar uma fotografia de reportagem é bastante mau, e por estranho que pareça, a maior parte desses rapazes não tem treino. Os tipos de primeira qualidade que se vêem por aí, os que fazem os cabeçalhos e tudo o mais, por estranho que pareça, são treinados.

Não é, portanto, um dom que eles apanham de repente, percebem? Não é esse imenso talento: o tipo vê uma máquina fotográfica - "Oh!" vejam, um feixe de luz forte atravessa-lhe o crânio numa inspiração brilhante, ele carrega no botão e tem fotos na primeira página de tudo quanto há. Não, as coisas não se passam dessa forma. E ele pode executar todas as tarefas menores que quiser no campo da fotografia, limpando placas e o resto dessas coisas todas até ao último amargo detalhe, e nunca se tornar um *fotógrafo* de primeira classe. Fazem-no com muita frequência, porque é assim que os jornais persuadem os jovens a trabalhar para eles nas câmaras-escuras. Dizem-lhes isto, e não é verdade.

Os fotógrafos de primeira classe em Inglaterra são os mais severamente treinados que já se viu. São apenas treinados um pouco severamente demais, se é que isso é possível. Mas são

uns barras. Tomem, por exemplo, Tony Armstrong Jones. Meu Deus! Se alguma vez se viu um homem usar fotografia standard, esse homem usa-a e com um "S" maiúsculo e ponto de exclamação. Nem sequer pode tirar uma foto ao seu bebé recém-nascido sem colocar a luz exacta indicada no manual para fotos de bebés, vêem? Nem sequer se desorientou com o facto de acabar de ser pai da criança, estão a ver? Foi buscar os projectores exactos, colocou-os no ângulo exacto e fixou tudo desta forma. E com isso saiu-lhe uma fotografia óptima por um golpe de sorte... um desses golpes de sorte. Deparamo-nos constantemente com eles; tiramos vantagens deles. Contudo, a luz que usou era absolutamente a do manual. O fulano é um craque, vêem? Agora está a fazer fotografia de design na secção do grande suplemento do *Sunday Times*, havia um artigo dele há um par de semanas atrás, e sei que riu como um louco quando publicou a foto principal. Está no exterior de um edifício, obtém a textura arquitectural perfeita (foi eleito para o Conselho de Design, etc.), está portanto no exterior do edifício e obtém a textura dos tijolos de forma perfeita, a perfeita textura do vidro e de tudo o mais, e capta o interior do edifício na perfeição, como se estivesse à luz do dia. E eu sei o que ele fez. Disse: "Ninguém, a não ser um profissional, o notará, por isso vamos deixá-los imaginar como é que eu fiz", entendem?

Ele sabia que o público ficaria interessado pela foto e tudo o mais; mas estou certo que, no seu íntimo, pensou: "Vamos ver se alguém descobre como eu fiz", vêem? Não sei como ele o fez; sei como eu o teria feito. Mas não se tira uma foto do exterior, com um sol brilhante, e se obtém todos os detalhes do interior sem recortes ou coisa que o valha. E isto não é um recorte. Como foi que ele o fez, vêem? Sei que se riu para si mesmo, porque é evidente que juntou dois tipos de iluminação muito standard. Conhece o ofício como a palma da mão, mas usa-o desta forma peculiar com filme colorido para obter este resultado fantástico. Nunca se pode estar do lado de fora de um edifício, vê-lo em perfeito pormenor, e olhar lá para dentro e ver o interior em perfeito pormenor com a mesma intensidade luminosa. E em seguida não se fotografa isto a cores; não há latitudine no filme.

Mas pode-se contar com um profissional para fazer coisas dessas. E, quando o analisamos, porque é que ele é capaz de fazer coisas como essa? Conhece todas as formas correctas de trabalhar, e por isso sabe como fracassar, e pode pensar nesse ponto extra, entendem? Conhece bem o seu equipamento e por isso pode pensar nesse passo extra que faz dele um campeão.

O maior fotógrafo de beleza de Inglaterra é um indivíduo chamado Tom Hustler. Chamam sempre Tom Hustler para fotografar uma estrela ou algo do género. Ficam em êxtase perante as suas fotos. Bem, isto é bastante surpreendente, porque Tom Hustler nunca tirou uma fotografia na vida que não tenha sido standard e profissional... nenhuma que não fosse standard e profissional. Nem sequer lhes dá o toque extra! É tão standard que para um profissional se torna penoso contemplá-lo, percebem? A luz no cabelo está sempre exactamente onde a luz do cabelo deve estar... a luz que se vê nos retratos e que dá um brilhozinho ao cabelo da pessoa, vêem? A sua luz principal, a luz mais forte e a luz de enchimento estão exactamente nas posições correctas. O fundo é sempre exacto. É simplesmente uma fotografia tecnicamente perfeita, percebem? Mais ninguém em Inglaterra faz fotos dessas.

Disseram-me... disseram-me que Lancere é o maior fotógrafo de teatro. no outro dia vi algumas fotos deste personagem. Ele é quase tão standard como um porco perdido num charco, percebem? E as fotos mostram-no; têm defeitos. A luz não é standard e ele não sabe o que fazer com ela. Acho que tem uma iluminação para fotografar bebés que utiliza nas fotos de artistas, ou coisa que o valha. Simplesmente não é um profissional. Estão a ver. Nota-se, zás! As pessoas olham para a foto, e mostramos-lhes uma com uma iluminação perfeita, e dizemos: "Então e esta?" percebem?

Elas dizem: "Ah, esta é uma foto linda", vêem? E mostra-se a fotografia seguinte, com uma

imperfeição técnica, e elas... bem, elas já não gostam tanto. Não sabem dizer-vos porquê. São pessoas comuns, da rua, percebem?

Ora, a fotografia tem o denominador comum do gosto do público. O que é que o público quer ver e o que é que o público gosta de ver?

E assim, temos agora um assunto novo na fotografia (esta é outra das razões porque a escolhi) um assunto novinho em folha. Tem apenas pouco mais de um século. Por volta de 1810... em 1810 alguém disse: "Sabem? Obtenho uma sombra púrpura num bocado de papel quando o pinto com uns produtos químicos esquisitos" e foi aí que tudo começou. A fotografia a cores está tão longe de ser nova que na verdade já se projectavam fotos a cores na tela para instruir o público. Não eram coloridas à mão, nem nada que se parecesse, na época do Sr. Brady. Mas tudo isso é novo. É um assunto muito recente, não é? Ainda não teve realmente tempo para acumular demasiado snobismo. Nem teve tempo para se perder.

Portanto, para deixar bem claro o que quero dizer, quando vocês só dão ao assunto massa e doingness e nenhuma significância, também fracassam. Por outras palavras, pode-se enviar esse fulano lá para o *Daily Mail*, como ajudante de câmara escura, e pô-lo a carregar máquinas fotográficas para uma ou outra pessoa, ou deixá-lo ficar no Lancere a ajustar as luzes durante metade da vida sem que ele realmente se torne alguma vez um profissional.

Assim, o profissionalismo tem a ver com a significância, a doingness e a massa. Tem a ver com todas essas coisas. Não se pode ter apenas doingness sem nenhuma significância, e não se pode ter significância total e nenhuma doingness e acabar com um resultado final em termos de estudante. A educação consistiria, então, numa actividade equilibrada que trataria com igual importância a significância e a doingness de um assunto. Vocês tratariam estas coisas igualmente. Ora, isto não é um pensamento novo; não é um pensamento novo; já há algum tempo que o temos.

Mas confirmei isto em toda a sua extensão ao inspecionar o que é hoje a fotografia standard; e tendo passado várias etapas e estando quase a terminar o curso e pronto para os exames finais, pensei que o melhor seria simplesmente tomar todas estas notas sobre ele, etc. Mas uma das coisas que mais me saltou à vista em tudo isto foi o facto de o profissional, o verdadeiro profissional, ser aquele que conhecia a significância e tinha experiência na doingness e no manejo da massa. E esse é um profissional a sério, um profissional a sério.

Agora, vocês dirão: "Bem, e então aquele tipo que surge do nada e subitamente desenvolve todo um vasto panorama de materiais novos?" Não... vocês estavam perante um profissional. Não estavam perante alguém que surgiu do nada, sem conhecimentos, e assim por diante. Porém a sua educação, porque não foi ensinada em nenhum lado, pode facilmente ter sido... a significância foi apoiada por uma grande quantidade de árduo estudo adicional, percebem? Aqui ainda tinham o estudo, vêem? Ele estudou como um louco.

Tomemos alguém como o indivíduo que projectou as primeiras fotos a cores. Aposto que ele vos poderia indicar o número da página e o livro de praticamente todas as fotos tiradas em toda a história da Fotografia, que é anterior a ele apenas em 20 ou 30 anos. Deve tê-las conhecido, vêem? Deve tê-las conhecido todas. E retrocedendo um pouco mais no seu passado, provavelmente descobre-se que ele se tinha formado em Química.

O profissionalismo, portanto, não é um produto acabado que cai do céu. O profissionalismo alcança-se à custa de suor. E além disso, os profissionais reconhecem-se pelo facto de trabalharem duramente.

Supõe-se que *dilettantismo* significa "trabalhar bem em muitas coisas", mas, na realidade, eu alargaria um pouco o seu significado e diria "mas não ser profissional em coisa nenhuma", visto que parte do profissionalismo é trabalho duro. Na verdade, pegar em toda a significância de um assunto e pô-la numa acção (de doingness), e assim por diante, é duro, duro, duro.

Agora, tudo isso parece muito interessante, mas há aqui outro factor envolvido, que é uma pessoa não ter de fazer tudo o que foi feito anteriormente para se tornar um profissional, e isso é uma coisa que nos dá muita esperança. Eu aprendi isso à minha custa. Não é preciso ter produzido um bocado de película fotográfica para adquirir as bases de como se faz película fotográfica, percebem? Isso é uma sorte para vocês; não precisam de fazer mentes humanas para tratarem uma. Isto é levar as coisas um pouco longe, mas vocês realmente não precisam de ter percorrido o Procedimento de Operação Standard de Julho de 1950 para usarem o título de auditores profissionais. Se o fizeram, tanto melhor! Óptimo! Mas pedir a alguém que se esteja a treinar em 1964 para fazer isso, seria um disparate.

Agora mesmo, nesta fase do meu estudo, se eu fosse procurar uns produtos químicos de uma certa espécie e alguns cascos velhos de cavalo e os fervesse de forma a obter uma certa gelatina, e misturasse tudo para obter uma das formas originais de placa húmida, e a expusesse ainda húmida numa das minhas máquinas fotográficas, que era como eles faziam, vejam, bem, obteria alguma coisa, e que diria eu? "Bem, consegui. E depois?" Não vou voltar a fazê-lo. Nunca mais, isso estragaria a máquina fotográfica, é claro. Vêem o que eu quero dizer? A coisa pode ser levada ao exagero. Chegamos agora aos exageros.

A doingness pode ser terrivelmente exagerada. Já vos mostrei que a significância pode ser terrivelmente exagerada. "Plínio escreveu sobre placas de cera, e nesse dia o estilete tinha a ponta rombuda porque o escravo dele estava com dores de cabeça, que os esturjões..." Vejam, Pode-se enlouquecer com isto da significância. Pode-se ficar maluco. Pode-se sobreestimar enormemente aquilo que o estudante tem que saber. Pode-se também subestimá-lo.

Porém, a coisa mais disparatada que acontece quando se trata de ensino escolar formal, é querer alcançar a lua, passar das marcas, levar as coisas a extremos impossíveis, enlouquecer toda a gente com elas, percebem? É uma espécie de forma de negar o assunto a alguém, percebem? Vejam, "Se não puder dizer-nos tudo o que Sigmund Freud escreveu, nunca terá um diploma em Psiquiatria". É um facto. A totalidade do exame do nível mais alto de Psiquiatria consistia simplesmente do título, data em que foi redigida e lugar de publicação de cada uma das obras de Freud. Sei que estou a exagerar e que um psiquiatra, se estivesse aqui um agora mesmo, diria: "Oh, como é que você raorr, raorr, raorr, raorr, raorr, raorr, raorr!" Sabem? Emitiria sons semelhantes à Vixie quando lhe dão um pontapé. Mas ele estaria a mentir com quantos dentes tinha, porque é assim o exame final. Sei-o. Conheci um psiquiatra que assisti durante um colapso psicótico porque ia fazer o exame.

E não creio que se possa chegar mais perto de um exame sem o fazermos de facto nós próprios. Era isso o que estava a dar com ele em doido. Ele estava a preparar-se para o exame dessa forma, e fez o exame dessa forma, e foi só isso. Foi muito divertido vê-lo preparar-se para o exame. Para conseguir estudar, continuava a enrolar-se como uma bola, chupando o polegar... enrolava-se como uma bola, sabem, na posição fetal sobre o sofá. Era muito divertido. Eu nunca lhe disse: "Sabes, meu velho, acho que estás key-in". Porém, o excesso de significância é uma forma de derrotar um estudante... significância em excesso.

Agora, podemos errar, na medida em que o pomos num assunto que ele nunca exercerá. Mudemos agora para a Cientologia. Dão-lhe todos os dados necessários para fazer o Procedimento de Operação Standard de Julho, Elisabeth, New Jersey, e assim por diante. E o erro está em dar-lhe tudo isso. Ele nunca vai utilizá-lo. Tudo o que se pretende é dar-lhe o suficiente para que ele o possa identificar.

Se alguma vez se deparar novamente com isto, ele dirá: "Ah, este é o Procedimento de Operação Standard de Julho, de Elisabeth". "Os primeiros tempos em Elisabeth" é praticamente tudo o que pretendem transmitir-lhe. "Sim, essa espécie de coisas. Estalar de dedos, sim." Algo como isso. "Sim, fazia-se isso, nos primeiros tempos." Ter uma vaga ideia de onde isto se encaixa, percebem? Isto é praticamente tudo o que se pretende transmitir-lhe, vêem? Ele não irá executá-lo, percebem? Por conseguinte, se não vai executá-lo, tem que se

retirar significância ao assunto. Estão a ver a ideia? É assim que se mantém o equilíbrio entre estas coisas. Se o tipo não o vai fazer, retirem significância ao assunto. Entendam, têm que manter estas coisas em equilíbrio. Se ele o vai fazer, então meus caros, despejem-lhe toda a significância em cima!

Tomemos um processo esotérico, como o bromóleo. Bem, eles não tinham película pancromática e isso punha-os loucos. Não tinham uma película que reagisse às cores e isso dava com eles completamente em doidos, a tentar iluminar uma árvore de forma que se parecesse com uma árvore, sabem? Quando fotografavam uma árvore passavam um mau bocado com coisas destas. Portanto inventaram este processo fantástico, como a fotolitografia. Não vou sobrecarregar-vos com os detalhes porque... Oh, é horrível! Estremeço só de me recordar. Ninguém vai alguma vez fazer um bromóleo, a não ser que seja um maníaco da câmara escura, sabem? Vejam, tem que ser mesmo um maníaco da câmara escura, pois há métodos muito mais simples de obter o mesmo resultado, percebem?

Bem, algum fotógrafo dos velhos tempos, que fosse um autêntico purista e tudo o mais, em Nova York, ouviria esta afirmação e diria: "Não sei se não farás alguma vez um bromóleo. Não se pode ter a certeza, sabem. Eu próprio tenho feito bromóleos e por aí fora. Houve uma vez que só me levou 30 dias para obter uma fotografia a bromóleo". Este é mais ou menos o tempo que leva, vêem? Oh, é cruel! E justamente quando eu me avançava para a recta final do curso, deparei-me com meio manual sobre como fazer bromóleos. Meio manual! Está lá com os mais penosos e mais torturantes detalhes, mas, a propósito, não está escrito de forma a poder-se realmente obter um bromóleo, consultando o texto. É assim. A ordem das acções, que é um ponto que tratará mais adiante, a ordem das acções está toda errada. Dizia assim: "Agora assegure-se de que põe a placa húmida no fundo do tabuleiro ou tina em que se encaixa, assegure-se de que a estende e a prende cuidadosamente. Porém, antes de fazer isto, assegure-se de que tem a outra placa pronta, porque vai precisar dela dentro de um instante". Oh, não! Estão a ver? Por outras palavras, isto é o que se chama fora de ordem. Seguem-se as instruções como um escravo, executando mentalmente a acção, vejam, e depois descobre-se que se cometeu um erro, vêem? Ele diz-vos agora que há outra acção que deveriam ter executado antes daquela que diz para vocês executarem, percebem? *Zzzzzt!* E sentimo-nos como se tivéssemos cometido um erro terrível.

Mas o bromóleo está aí nos seus detalhes mais penosos, apesar de não ter sido feito a sério há um bom par de anos. Poder-se-ia provavelmente ganhar uma exposição numa galeria com um bromóleo. Actualmente é provável que se pudesse. Os membros do júri estariam ali de pé a olhar para ele e a dizer: "O que é isto?" (São bastante bonitos.) "Ah! O que é isto? Meu Deus! Um bromóleo!" sabem? "Co'a breca!" sabem? "Dêem-lhe o primeiro prémio de técnica." Isso seria praticamente tudo quanto se obtinha com ele, vêem? "Alguém fez realmente um bromóleo. *uuauu!*" Percebem? E diriam: "Co'a breca!" sabem? Eles próprios saberiam o trabalho que isso envolvia por serem pessoas treinadas, vêem? Mas o público passaria, olharia para todas as fotos, e não se deteria nele.

Porém, isso teria representado cerca de 30 dias, ou coisa que o valha, de puro suor a gotejar. E ser-se ensinado sobre como fazê-lo até ao último detalhe, até ao último detalhe sobre a temperatura, até ao último erro que se pode cometer ao fazer essa coisa que nunca se vai fazer, é o círculo! *Uuauu!* Percebem? Aí está toda essa quantidade de doingness que jamais será executada como tal, percebem? Portanto toda essa significância está construída, então, sobre uma doingness que não se faz e que nunca será feita, e, assim tudo se transforma em significância.

Portanto, a doingness quase passa para o comportamento da significância, estão a perceber? E não só causa desequilíbrio no assunto como acaba por vos provocar algumas dores de cabeça horríveis. Eu sei. Disse: "Bem, tenho que passar por isto para chegar ao fim do curso, senão não obtenho o diploma. Tenho que passar através disto. 'Pega-se num pincel fino'.

Bem, vamos lá a ler isto outra vez. 'Pega-se...' " Horrível, sabem? Nunca se vai pegar num pincel fino. É a última das vossas preocupações.

Portanto, eles não eram capazes de fazer fotografias em 1890! Muito bem! Óptimo! Acontece que hoje não temos esse problema. É como pedirem-vos para estudar os aspectos... vocês estão a estudá-los em certa medida, e são muito úteis, mas estudar algumas das listas de "aspecto do PC" que foram feitas em 1950! Não foram publicadas. Mas o que podia... não havia E-Metro, vêem? O que podia o auditor detectar sem E-Metro? Que coisas faria o PC que dessem indicações sobre o que se estava a passar, percebem? E em seguida darem-vos tudo isto, com todos os detalhes penosos. Tudo o que vocês vão fazer é ler o vosso braço de tom (TA), percebem? Mas dar-vos tudo isto, com todos os detalhes penosos: "Sentam-se ali e auditam com os dedos no pulso do PC", percebem, e em seguida darem-vos todos os detalhes do sistema japonês ou chinês de contagem de pulsações por pressão, porque é o sistema mais complexo.

Era esse exactamente o que eu usava, o sistema chinês de contagem das pulsações. Oh, vocês ficariam surpreendidos, meus caros. Hoje vocês estão aí. Faz 14 ou 15 anos, estavam no início de um caminho que não ia dar a parte alguma. Não havia forma de dizer qual era a reacção do PC, não havia forma de saber qual era o tema com carga, não havia forma de ver a mente de qualquer pessoa, não havia forma de registar isso se a vissem. Uma visão sobre o vácuo, entendem? Era horrível!

Mas ensinar isso agora a quem não o terá que fazer, ensinar como detectar uma reacção do braço de tom sem E-Metro pelas várias manifestações fisiológicas do PC: os movimentos do peito (muito importantes, percebem?); a alteração da respiração; a coloração; a coloração dos olhos. Há todo um tema sobre como saber se um processo está flat (esgotado) pela coloração dos olhos. Um assunto muito interessante! Gostariam de ler os vários milhares de palavras que foram escritas sobre este assunto?

Tudo o que têm que saber, se vos ensinarem isto, é que existiu esse assunto. Vêem? Poderiam aprender muito facilmente que existiu esse assunto, e que é o assunto que torna o E-Metro importante, percebem? Esse outro assunto é muito complexo, e o E-Metro resolve-o, e consiste em "Como saber o que se passa com o PC?" E esse assunto tinha muitas ramificações. Vêem? E se um processo está realmente a chegar ao PC, a coloração dos seus olhos muda, percebem? Ou as pulsações abrandam, sabem? Isto é praticamente tudo quanto precisam de saber. O resto é bricabraque.

Muito bem, pode-se passar a vida inteira... a vida inteira a trabalhar no domínio do bricabraque e divertir-se muito. Há tipos que estudam a história do bromóleo, não o fazem, estudam simplesmente a sua história como passatempo quase a tempo inteiro, ou profissão, ou coisa que o valha, percebem? Desta forma, podem acumular estas significâncias incríveis do assunto, o que na realidade não aumenta a doingness nem a acção que se espera do estudante. Portanto, isto é dar-lhe uma doingness que se transforma em significância.

Assim, chegamos ao ponto seguinte, que é a conversão de doingness em apenas significância. E se há um assunto em que isto acontece muito, estamos praticamente acabados. Se se converte toda a doingness de um assunto em significância... isso faz-se pegando num assunto que não vai ser posto em prática e descrevendo-o muito para além do que é necessário. Então temos uma conversão, vêem? Agora, se se puder fazer o inverso, pode-se dizer que a significância pode converter-se em doingness. E acabam de ter um exemplo disto: um indivíduo nunca fará um bromóleo, por isso obrigam-no a fazer um bromóleo. Assim, hoje é apenas uma significância, uma mera significância. Existia uma coisa chamada fotografia a bromóleo. Muito bem, isso existiu. Percebem? O que era é que dependia do mesmo princípio agora usado em fotolitografia: a gelatina conserva a humidade e a humidade repele o óleo. Usam-se estes diversos princípios. É interessante conhecer isto, percebem? Pode escrever-se um parágrafo ou dois sobre a questão, entendem?

Bem, se formos demasiado longe neste caminho particular, levando uma pessoa a executar alguma acção muito antiga que ela não voltará a fazer, tomámos uma coisa que deveria ter ficado como significância e empurrámo-la para uma doingness. E, uma vez mais, isso perturba o estudante de uma forma terrível. Tenho a certeza de que seria giro moer trigo com uma velha mó, percebem? Poderia ser um passatempo, estão a perceber? Poderia ser muito agradável, mas teria que haver uma boa razão para o fazer. Percebem? Uma boa razão para o fazer, percebem? E se é apenas para verificar como o faziam nos tempos primitivos, bem, talvez essa seja uma boa razão, entendem? Mas isso é na condição de querer fazê-lo. Notaram a escolha das palavras? Obrigar um estudante a fazê-lo é um erro fantástico. Um disparate! E a reacção dele aos vossos esforços para lhe ensinar isso será uma quebra de ARC. Antes de mais, ele não consegue entender porque diabo está a fazer isto.

Assim, chegamos à conclusão de que *a doingness e a massa de um assunto são as suas doingnesses e massas actuais, aplicáveis e úteis* e são essas que devem ser ensinadas, duramente. São aplicáveis... as massas e doingnesses aplicáveis. Por outras palavras, deve-se ensinar ao estudante aquilo que ele vai fazer. E as significâncias ensinadas ao estudante não se comparam com o que acabo de vos dizer. As significâncias são os antecedentes suficientes para ele não ficar... e isto é uma coisa que tem escapado a todos e é assim que um engenheiro chega aos 40 anos e está desactualizado... é significância suficiente para que ele não fique preso nas doingness mecânicas que lhe ensinaram, e isso exige que lhe seja dada significância suficiente. Por outras palavras, há que dar-lhe um pouco mais de significância do que seria de esperar. E é por isso que se lhe dá a história das coisas, para lhe mostrar como foram desenvolvidas e lhe dar um esboço de como se desenvolveram. E é por isso que se lhe indica como a coisa evoluiu e qual era a sua doingness.

Como vêm é idiota obrigá-lo a executar essas velhas coisas. Está-se apenas a tentar mostrar-lhe que houve outras doingnesses, estão a perceber? E procura-se torná-lo bem versado nos princípios segundo os quais ele opera, e se ele é suficientemente bem versado neles, então a doingness e a outra acção que lhe estão a ser ensinadas, não se tornam obsoletas porque ele poderá pensar, percebem? E esta é a diferença entre um profissional e um "homem prático". Além disso, é bastante observável. O profissional faz sempre as coisas à risca, com uma diferença: faz sempre as coisas à risca, mas um pouco melhor. E quando as coisas mudam, isso não lhe parece uma mudança, parece-lhe simplesmente a mesma coisa com um rosto ligeiramente mudado. Percebem? Não lhe parece algo totalmente novo.

Agora, vai-se ouvir dizer... acaba-se de se mudar a forma de dar um comando repetitivo e haverá pessoas por aí à vossa volta a dizer: "modificámos toda a Cientologia". Elas tinham aprendido a acção prática, a doingness de dar um comando repetitivo, mas não dispunham da teoria sobre a razão por que estavam a fazer isto, ou do que se estava a tentar realizar com isto, tal como pôr flat (esgotar) um retardo de comunicação mental que o indivíduo está a atravessar, vêm, ou algo assim, pôr flat (esgotar) o processo. Apenas conheciam a parte da repetição regular, e por isso, quando se mudou uma vírgula, pensaram que se tinha mudado toda a Cientologia, estão a perceber? Porém, o tipo que conhece as bases do assunto, que sabe o que são os processos e o que se espera deles, esse diria: "Sim, bem, esse... "daria à coisa a significância correcta, percebem? Diria: "Sim, falta-lhe um pouco de ARC, por isso precisa de ser ligeiramente modificado". Percebem? "Isso abala um pouco o ARC do PC. Mas este novo fraseado é muito inteligente. Não cai mal ao PC. Vêm, não o põe 'fora de ARC', entendem? Está bem." Para ele nada mudou. Tudo parece calmo, normal, etc.

Ora, um profissional é, então, capaz de avançar e um homem prático muitas vezes não consegue avançar. Um teórico, portanto, seria bem ensinado, mas raramente educado. Alguém que lide apenas com teoria e nada mais do que teoria, e assim por diante, poderia ser lindamente ensinado, maravilhosamente instruído, mas não seria educado nesse assunto porque lhe faltaria a doingness desse assunto. A doingness estaria ausente. É apenas um perito em pintura do século XIX e é tudo. Conhece a teoria de todas essas pinturas, apenas a teoria.

Já não se faz; ninguém espera alguma vez voltar a fazê-lo.

Mas encontrarão uns elementos da sociedade e cultura assim instalados; e ele pode tornar-se importante, porque os milionários nos últimos tempos estão a tentar desesperadamente poupar dinheiro investindo em arte. A arte e os terrenos aumentam de valor. Portanto, hoje em dia há tipos que entram nas galerias que não percebem coisa alguma de arte mas têm cem mil dólares e querem depositá-los rapidamente, antes que a inflação os coma, e acham que se comprassem uma boa e sólida obra de arte que se tornasse famosa no futuro, então é claro que ela agora valeria 100.000 dólares, mas com a inflação chegaria aos 200.000 dólares. Tal como os terrenos, ela aumentaria com a inflação, por conseguinte, é como ouro, percebem?

Assim, ele entra na galeria e olha para uma pintura. "Heh, heh! É uma rapariga que segura um quê?" Este é todo o conhecimento que ele tem do assunto, por isso tem peritos; ora o perito não sabe pintar, mas sabe distinguir o verdadeiro do falso ou algo do género. Mas se esse tipo não tivesse, ele próprio, a doingness de distinguir, ou a doingness de qualquer outra coisa, a sua opinião também nada valeria. Ele seria incapaz de distinguir e seria capaz de impingir tudo às pessoas. Uma cultura acaba por desenvolver algumas situações muito estranhas e se ocasionalmente examinarmos algumas, pensaremos que temos um teórico total, ou algo assim, que se tem uma totalidade, e pode muito bem ser que assim seja.

Mas não há nada mais triste do que um perito em compactadores (cilindros) a vapor para estradas. Imagino que actualmente exista um em Inglaterra. É o último perito prático em compactadores a vapor para reparação de estradas. (Já alguma vez viram essas coisas nos manuais? Eram máquinas a vapor com cilindros que rolavam para baixo e para cima nas estradas, nos tempos anteriores ao motor de combustão interna). Era um homem prático muito bom. Nunca tinha aprendido nenhuma teoria de qualquer espécie sobre o tema do vapor e da propulsão e coisas como essas, mas conhecia extremamente bem a prática destas coisas, percebem? Era toda doingness e nada de raciocínio. Bem, ficou antiquado. Ficou desactualizado. Na verdade, já não consegue arranjar emprego.

Desta forma, quando se destrói este equilíbrio na educação, então não se educa o indivíduo e não se salvaguarda o seu futuro. Um indivíduo é então traído na medida em que não é educado mas apenas instruído; e a maior parte dos protestos dos jovens devem-se ao facto de serem instruídos mas não educados. Não estão a ser preparados para a vida.

Vou dar-vos uma ideia de quanto longe isto pode ir. Pedi aos meus filhos no outro dia que escrevessem qualquer coisa, que escrevessem os seus nomes, assinassem os seus nomes. E, caramba! Haviam de vê-los com a língua entre os dentes, tentando realizar aquela acção, sabem? Oh, aquilo foi horrível! Não conseguiam fazer a assinatura. Caí em cima do professor deles como se fosse uma tonelada de tijolos, percebem? Fazem muitos exercícios de escrita, mas não sabem assinar o seu próprio nome. Um exemplo maravilhoso, não vêem? Porém, tenho a certeza de que têm estado muito ocupados a traçar círculos e traços inclinados, e muito ocupados a fazer outras coisas, muito ocupados a fazer tudo excepto escrever. E de um modo ou de outro, se quiserem saber o que havia de errado nisto e porque ocorreu, a doingness passou para o campo da teoria ou significância, percebem? A doingness passou a... converteu-se em mera significância. Mas não é uma doingness, estão a perceber? Quer dizer, escrever palavras tem muito pouco a ver com "traçar ovais", como eles lhe chamam, e assim por diante. Só se pode ir até certo ponto traçando "ovais". Não há doingness nisso.

Por isso, o indivíduo está realmente em movimento, mas não se trata de uma doingness educacional. E é aí que um instrutor pode cometer um erro, percebem? Lá porque as pessoas estão ocupadas ou activas, ou a agir, ele pensa que estão a fazer alguma coisa. Bem, depende do que estejam a fazer. Se não estão a fazer algo que se traduza *numa acção* imediatamente aplicável na vida para a obtenção de um resultado, então estão no campo da significância. E reagem como alguém que está no campo da significância. Ficam muito frustrados e aborrecidos, a protestar e chateados. Vejam, eles próprios reconheceram que ultrapassaram a

doingness, que esta doingness não tem absolutamente nada a ver com o que irão fazer. Assim, recuam e tratam-na simplesmente como significância porque não tem um propósito. Não leva a lado algum, percebem? Nada acontece, pelo que pode muito bem ser uma significância e, por conseguinte todo o movimento é não-movimento em absoluto. E se todo o movimento é não-movimento, eles ficam com essa sensação estranha e aborrecida, sabem, de não estarem a avançar. Vêem todo o movimento, mas não estão a avançar! E na realidade trata-se de uma significância que contém em si algum movimento, e não tem nada a ver com ir a algum lado, e ficam com essa sensação estranha. Na verdade produz-se uma sensação fisiológica. É como estar frente a alguma coisa, mas não ser capaz de a atravessar. Uma sensação muito, muito estranha. E identificável.

Bem, fundamentalmente este é o equilíbrio básico da educação correcta. Seja o que for que queiram dizer sobre isso, este é o equilíbrio básico. Existe uma quantidade de coisas muito específicas, uma quantidade de aspectos curiosos, muito engenhosos e muito verdadeiros, positivos e muito práticos em tudo isto. Mas a educação é... devia ser a actividade de um ser transmitir a outro uma ideia ou uma acção, de forma a não frustrar nem inibir o seu uso. E isto é praticamente tudo quanto ela é. Pode acrescentar-se que ela permita, então, que o outro indivíduo pense sobre esse assunto e o desenvolva. Ele devia ser capaz de pensar sobre o assunto e desenvolvê-lo.

Por outras palavras, ele pega nesta ideia que lhe foi dada e que se aplica apenas a murais. Mas ele sabe... deram-lhe antecedentes suficientes, etc., e foi-lhe dito que isto se aplicava aos murais. E um dia ele está a olhar para uma miniatura e exclama: "Pelo amor de Deus, aquilo também se aplica... neste trabalho em particular que estou a executar aquele outro princípio também se aplica às miniaturas".

Dou-vos um exemplo. Posso encontrar um exemplo imediatamente: um fotomural nunca deveria ser pintado sem primeiro ter sido montado na parede, se se vai pintar um fotomural, percebem? Bom, posso pensar numa associação mental no que o indivíduo faria se estivesse a ter problemas ao fazer miniaturas. Supondo, por qualquer razão louca, que alguém chegava e lhe encomendava uma miniatura de marfim. Bem, isto é exequível, pode fazer-se. Bom, se ele conhecesse os fotomurais, e uma série de outras coisas, se conhecesse os diapositivos e assim por diante, e portanto também soubesse procurar informações e descobrir como se faz uma emulsão (sabem, uma dessas emulsões básicas, feitas à base de clara de ovo ou lá o que é), e soubesse em que manuais encontrar isso, provavelmente juntaria isso tudo, e saberia também que só se deve pintar depois de tudo montado, percebem? Por outras palavras, as informações estão soltas na cabeça do indivíduo. São flexíveis, ele pode usá-las, percebem? Não estão comprimidas transversalmente na cabeça dele de modo a ficarem simplesmente associadas a um único assunto, entendem?

A educação não deve dar às pessoas a tecnologia de uma forma tal que esta não lhes seja útil. Têm que ser capazes de pensar com ela. É preciso ter presente, ao ensinar a um engenheiro na universidade, tudo quanto se conhece sobre Física Nuclear, que dentro de uma dúzia de anos, devido aos investimentos dos governos e a outros factores... e particularmente, visto que é algo de muito destrutivo, sabemos que os governos nacionais vão investir muito nisto. E sabemos que este campo irá mudar. E vamos ensinar-lhe tudo quanto se conhece sobre o assunto. Bem, podíamos convertê-lo num técnico de acções comuns, ordinárias, vulgares, tais como ler instrumentos de medida, ou podíamos ensinar-lhe a tecnologia actual ou as teorias actuais como factos bíblicos, ou poderíamos ensiná-lo de forma a que ele pudesse pensar com o assunto. E, de todas estas, a única coisa justa a fazer é ensiná-lo de forma a que possa pensar com o assunto, porque é um assunto em desenvolvimento, e assim não ficará desactualizado dentro de uma dúzia de anos, percebem? Se fizéssemos qualquer outra coisa, ele ficaria desactualizado porque isto... No fim de contas, os governos estão a esbanjar dinheiro no desenvolvimento atómico a torto e a direito. Têm pessoas que trabalham na Matemática pura, e pessoas a trabalhar nisto e naquilo.

E estão a...não quero saber o que eles dizem. Desconfio sempre. Dizem que estão a "abandonar as unidades de produção de Urânio-235" e a seguir acrescentam outra frase. Podemos acreditar... sim, estão a abandonar a produção de Urânio-235, engolimos essa. Mas é o "porquê" que nos faz estremecer, e é: "porque já existem quantidades suficientes para satisfazer todas as necessidades possíveis para os próximos 500 anos" percebem? A primeira frase, muito bem. Muito bem, abandonam a produção, mas o "porquê"? Pode ser, mas realmente não pensamos que seja assim. Descobriram outra coisa, meus caros, alguma coisa que faz o U-235 parecer uma dessas botas com botões que estiveram na moda na temporada passada. E é claro que não vão revelar isso.

Cada vez que alguém descobre um desses segredos, ou que o Secretário de Estado (ou alguém dessa categoria) dos Estados Unidos toma um avião a toda a pressa para ir contar os últimos segredos atómicos a Khrushchev (não creio que sejam estas as suas funções, mas é o que ele tem andado a fazer recentemente)... Este tipo põe-se a gritar por todo o lado acerca disto e daquilo. Não, não há nenhum destes segredos que foram roubados, como o caso Fuchs e esse tipo de coisas que, por mais prejudiciais que fossem, não provocassem no Governo fantásticas convulsões internas sobre o assunto de "Desenvolver alguma coisa nova, alguma coisa melhor, alguma coisa que ainda não tenha sido roubada". E a melhor prevenção contra a espionagem não é a política porque nisso eles são péssimos. A melhor prevenção contra a espionagem é terem algo mais novo.

Por isso, calculo que o pobre do miúdo que está actualmente a ser educado em Birmingham no tema da Física Nuclear tem provavelmente já 10 ou 15 anos de atraso. Quando sair provavelmente sentir-se-á muito inteligente e exclamará: "Muito bem, agora pegamos nos *riga-bongs*", e assim por diante.

E os fulanos que o rodeiam dirão: "Os quê? Ah, sim, sim. Lembramo-nos disso. Isso agora faz parte da história".

Esse foi o seu último curso, vejam, *riga-bongs*, sabem? *Oooh!* "Bem, o que é que vocês andam a fazer?"

"Oh! Bem, agora não temos tempo para te explicar, mas há uma pilha de manuais ali no canto. Esses são os nossos apontamentos mais recentes."

Bem, a educação, então, para preparar este indivíduo para a vida, teria que o preparar para a atmosfera em que vai operar. Teria que o preparar para pensar. Ao mesmo tempo teriam que lhe ensinar que disciplinas são disciplinas, e que acções são acções, mas, ao mesmo tempo, teriam que lhe ensinar a pensar com essas acções e a progredir nessas acções e executá-las até uma conclusão finita e final. Teriam que fazer tudo isto. Bem, é uma façanha, ensinar a alguém, por um lado, que esta é uma disciplina exigente e, por outro lado, que se deve ter uma atitude solta e flexível em relação a ela. Uma façanha e tanto, não é?

Bem, reconheçam a pressão disto. Estão a tentar formar uma pessoa prática, que aplique as coisas até obter um resultado, e que lhe possa dar esse toque suplementar, sabem, esse pequeno empurrão que a faz avançar, por outras palavras, que possa pensar com o assunto para não ficar desactualizada. Dão-lhe tudo isto para não ficar desactualizada. Bem, isso é uma façanha e tanto.

Na verdade isto é exigido em Cientologia mais do que em qualquer outro lugar, e qualquer pessoa que estude Cientologia está sob uma pressão e tensão consideráveis devido a esses factores diversos. Temos um assunto que avança a uma velocidade louca, que avança para além de todas as expectativas... as expectativas do seu avanço estão constantemente a subir, estão a perceber?, e que já partiu de uma base que excedeu todas as expectativas anteriores, e ainda está a avançar e o nível das expectativas ainda está a subir constantemente, vejam. Quer dizer, quanto mais se desenvolve, mais vasto é o panorama que se vê, compreendem?

Portanto a educação em Cientologia torna-se algo muito mais delicado do que em qualquer outro assunto análogo, e é muito dura. Muito dura. Foi por isso que me dediquei a descobrir este equilíbrio e o que há a fazer, e assim por diante. E, como se eleva uma pessoa até ao ponto de poder estudar isto sem muitas baixas e perturbação?

E quais são, então, os pontos delicados da educação? E, é claro, a educação é um assunto que não tem sido elaborado. Não existe sequer uma definição, como vêem, como a que vos indiquei há momentos. Eles nas escolas não funcionam com uma definição. Bem, isto é admirável, pois em que dificuldades nos metemos se continuarmos a ler um parágrafo onde existe qualquer coisa para a qual não temos uma definição? Metemo-nos imediata, instantânea e prontamente em problemas, problemas catastróficos. Bom, a educação está metida em problemas desde que começou a fazer uma coisa que não definiu. Este é o mal básico da educação, entendem?

Façamos uma distinção entre alguém que está a ser educado e alguém que está a ser ensinado. Estabeleçamos aqui essa diferença de nuances. Em seguida tomemos a tecnologia do ensino escolar e compreendamos que a tecnologia para ensinar alguém existe, e que o Homem dispõe dela há já bastante tempo, mas não tem necessariamente muito a ver com a tecnologia para educar a pessoa, a qual se tem desenvolvido relativamente pouco. Assim, lá porque uma pessoa vai à escola não significa que esteja a ser educada, vêem?

Porém, existe uma imensa tecnologia à volta da escola. E o sucesso de qualquer assunto ensinado depende do equilíbrio sensato que se mantenha entre a significância e a acção e as massas que lhe estão associadas. Esse será um assunto sensatamente equilibrado. E pode ocorrer uma estranha reviravolta se a pessoa pensar que está empenhada numa doingness quando realmente está empenhada numa significância, porque a doingness nunca irá ser aplicada, entendem? E no reverso da moeda, ele pode de facto estar ocupado com uma significância que na realidade é uma doingness, é claro. Se se equilibra de um lado, é claro que se equilibra no lado oposto. Ele pode estar empenhado na significância da acção de contemplar. É tão estúpido como isto, estão a perceber? É demasiado estúpido para que se lhe dê muito mais ênfase.

Mas a significância... qual é a significância de uma acção? Bem, se um indivíduo tivesse muita significância acerca de tudo o que existe debaixo do sol, da lua e das estrelas, poder-se-ia converter a significância em alguma espécie de assunto educacional. Estão a perceber? Assim, a própria significância inclinar-se-ia e tornar-se-ia uma doingness. Parece estúpido, mas é verdade.

Estou agora a falar do "perito em arte do século XIX", percebem? Há indivíduos que ganham muito bem a vida, o que constitui o resultado final da educação. Afinal de contas, não importa quanto comunismo há entre nós, sabem?

O indivíduo ganha a vida sendo simplesmente um dicionário ambulante, percebem? um perito em memória acerca de uma ou de outra coisa. Sabe todas as fórmulas que se podem saber sobre o tema da pintura. Ele nunca misturou tintas, se se lhe desse uma lata de tinta não saberia o que fazer com ela, na verdade tem horror ao seu cheiro, causa-lhe enjoos, mas pode sentar-se ali num pequeno cubículo e ser um perito no tema da pintura. Portanto, é claro, a sua significância transformou-se na sua doingness. Perfeitamente admissível; a sociedade tem disso.

Depois, alguém lhe escreve uma carta que diz: "Caro perito Jonas: Estamos a trabalhar na fórmula da resina e âmbar, e estamos a esforçar-nos arduamente para desenvolver o... etc. Poderia fazer o favor de nos fornecer dados históricos sobre esta tinta?"

E ele diz: "Essa tinta foi usada pela primeira vez no Mar Tirreno, e assim por diante, e o âmbar deles era diferente do âmbar usado por todas as outras pessoas", e continua, continua, continua.

E, do outro lado, o tipo, o tipo prático deita uma olhadela à carta e diz: "Ena, não admira que não pinte! O âmbar deles era diferente. Existe um tipo de âmbar diferente. Esse é âmbar Russo, contém muita cera de abelha", ou qualquer coisa, sabem? seja lá o que for. "Ah! Esta tinta precisa de cera." Portanto deitamos-lhe um pouco de cera. Tudo bem, ela agora pinta coisas, entendem?

Porém, este tipo, o Jonas, não tinha nenhuma ideia de como aplicar isto ao que quer que fosse. Se ele falasse o suficiente sobre o assunto, então isso poderia fazer sentido para quem trabalhasse no assunto, sabem? Portanto, existem peritos.

Existem tipos como o Einstein. Andou por aí e fez um trabalho maravilhoso. Ele produziu uma doingness total que era de significância. Pensou e pensou e pensou e pensou e pensou tanto que meteu toda a gente num buraco. Mas é certo que estimulou muita gente. Fizeram-se mais matemáticos, tentando compreender Einstein, do que qualquer outro homem que alguma vez tenha trabalhado. A piada disto é que pode não haver coisa alguma nos seus trabalhos. É um pouco idiota dizer isto. aparece alguém e diz que a velocidade da luz é "C", e nunca é diferente (é constante). De que fala ele? De que luz? Bem, agora já nem penso que ele se referia à luz entre 3.600 e 5.600 angstróms. Não penso que ele tenha sido tão explícito como isso. Disse apenas "a velocidade da luz". Bem, isso é excelente. Ele queria dizer a luz que normalmente vemos? Bem, a luz, na realidade, é apenas a vibração (frequência) de luz que se vê, estão a perceber? Por definição, isso é a luz. Bem, ele deve ter-se referido a essa luz, a luz visível. Perfeito, excelente. Ainda bem que o disse, porque quando ela atravessa um prisma já não se desloca à velocidade "C" (constante).

Bem, o que dizem a isto? Já não se propaga à velocidade "C" por esta excelente razão: emerge do prisma a diferentes velocidades. Se assim não fosse, não teríamos o espectro.

Oh, sim! Mas agora estamos a falar apenas do comprimento de onda, da amplitude da onda, desse tipo de coisas, e é por isso que ela muda de direcção. Não, receio que isso também possa não ser verdade. As velocidades têm de ser diferentes porque, se já viram soldados a dar meia-volta, o tipo do lado de fora anda mais depressa do que o do lado de dentro. Alguma vez notaram isso? Bem, para que a luz se desvie e se disperse em leque ao atravessar um prisma (óptico), tem de estar a manejá-la com a velocidade.

Mas, a razão porque toda a gente ficou completamente cega em relação a isto, foi porque Einstein disse precisamente o contrário, estão a perceber, agora têm de ter alguma ideia estranha, e de facto pode ser do vosso interesse saber que acabaram por abolir a luz. Achei isso muito simpático da parte deles.

Chegaram agora à conclusão de que a cor é apenas algo fabricado pelo olho e transmitido ao cérebro, e que de facto não existe em lado algum. De facto dizem-vos isso; é o que me estão a ensinar agora mesmo. Acho que é uma ideia maravilhosa, mas se o fulano não tivesse lido um manual de Psicologia antes de escrever o manual, sentir-me-ia mais feliz. Há algo de errado com tudo isto por esta excelente razão: uma vibração é uma vibração. Não sei porque temos que meter a Psicologia nisto. É a influência de Locke e de Hume, vêem? Estes velhos tipos.

"Se houvesse um som... (Descartes, sim?) existiria som na floresta se não houvesse lá ninguém para o ouvir?" Bem, para que precisam eles de se meterem nesses becos sem saída, meus caros? Porque é muito fácil de responder. Estão a confundir o papel do theta porque não têm o theta. E ele é, naturalmente, a variável fantástica que lhes falta em todas as suas equações.

Assim, está bem. Portanto o theta constrói o universo. Assim sendo, é claro que ele pode experimentá-lo. Pode-se experimentar aquilo que se pode construir, portanto existiria uma coisa como a luz. Tudo depende de como se encara, e a partir de que ciência mental se encara, para fazer ou não declarações a seu respeito, num sentido ou outro. Mas pode-se chegar a

uma idiotice como esta: "A luz não existe porque nós não existimos. Se nós existíssemos, então a luz não poderia existir. Porque, vejam, a luz realmente atravessa a pupila do olho e excita o cérebro com diversas sensações conhecidas como cores, e assim por diante, mas se estas coisas de facto não existem, então é claro que nada se está a passar fora do nosso crânio. Nada se está a passar fora do nosso crânio". Dizem-se coisas como esta: "Um cozinheiro nunca pode comer o bolo que confeccionou". Isto é o apelo à introversão total. Estão a seguir-me, não estão?

Portanto, se temos de ter um debate sobre "Existirá som se cair uma árvore e não está lá ninguém?", se vamos ter um debate desse tipo, então tenhamos debates reais como: "Um cozinheiro pode fazer um bolo e comê-lo?" Entendem?

Mas teríamos que ascender ao papel de um ser neste universo, ou a um thetan. Teríamos que abandonar a ideia do "Grande Thetan", percebem? Estão a acompanhar-me? "O Grande Thetan criou a luz e nós apenas podemos senti-la, e não temos mais nada a ver com ela excepto senti-la, portanto estamos em efeito total, companheiros. Prostrem-se por terra!" Percebem? Compreendem como são engendrados estes truques?

Bem, na educação, e assim por diante, descobrirão que é muito seguro partir de uma premissa ou de uma suposição básica, e deixar bem claro de que suposição básica partimos, e em seguida não tentar estender esta suposição a um milhar de coisas diferentes.

Em Física a conservação da energia foi assumida como um facto. Muito bem, deixemo-los falar nisso claramente e em voz alta, e em seguida não falar da organização da massa. Porque partiram simplesmente da conservação da energia; não disseram nada acerca da massa. Porém, agora tentam introduzir impostamente a massa dizendo que esta é apenas um montão de energia. Porque fizeram isso? Porque a suposição básica deles é a conservação da energia. "A energia não pode ser criada nem destruída, seja por quem for, particularmente por vocês." Percebem? Esta é a suposição básica da Física. Portanto isto, naturalmente, é energia, entendem?

Ora não se trata da conservação do espaço. Não se trata da conservação do tempo nem é a conservação da massa. Por isso, agora tudo tem que se transformar em energia, por terem começado com aquela suposição básica. Em consequência disto, tornam-se eles próprios cegos em relação ao ponto de onde o seu assunto partiu e, logo, onde irá errar. Vai desviarse, percebem? No momento em que surge alguma coisa que não é energia, vai superar os básicos da física finita, e é aí que residem todos os problemas, porque começaram só com a energia, estão a perceber? Portanto não vão a lado algum que não seja energia.

Em relação a isto, estamos muito seguros. Começamos com o ser: vocês, um thetan. Podemos provar que vocês existem como seres, como um thetan. Podemos provar isto, e podemos fazer-vos sair da cabeça e ficarem afastados do corpo. Portanto, vocês não são um corpo. Isto é muito simples. Não o fazemos com muita frequência nem exigimos que se faça como um exercício de classe porque torna as pessoas doentes e infelizes, mas acontece e funciona. Muito bem. Portanto começamos pelo elemento básico da construção do universo: um thetan. Agora, estamos em terreno bastante sólido aqui, mas é claro que ao fazer isto estamos a exceder todas as suposições básicas anteriores, que dão início aos assuntos.

Agora, ao tentar comunicar esta ideia, então, esbarramos com todas as ideias preconcebidas. Esbarramos com tudo quanto existe no passado das pessoas, esbarramos com todos os seus problemas passados, com praticamente tudo quanto existe debaixo do sol. Só podemos, por isso, ir na direcção do processamento. Não podemos ir muito longe na direcção da teoria e da filosofia do universo, porque a única forma de triunfarmos realmente é na direcção do processamento, manejar e fazer alguma coisa com a unidade, porque a unidade não é educável no estado degradado. Vêem, isto é elementar. Portanto, infelizmente temos que saber praticamente tudo quanto há para saber, e temos que o saber melhor do que alguém alguma

vez teve que saber algo antes, particularmente no domínio da educação, porque não podemos ensinar ninguém a educar.

Estão a abordar um assunto muito exigente. É um assunto muito fácil. Essencialmente, estão a abordar um assunto duro este de Cientologia, o qual foi tornado tão fácil quanto possível. E os meus esforços nos últimos meses, ao estudar a matéria do estudo, foram dedicados a torná-lo ainda mais fácil.

Bem, não vos disse muitas coisas nesta conferência que possam utilizar, mas disse-vos algo que podem usar para analisar, sabem?

Digamos que todo o sistema escolar de um país educava mal toda a juventude desse país, de uma forma premeditada. Chegariam a um ponto em que não poderiam receber um dado. Assim, estão em guerra, e o inimigo envia-lhes um comunicado que diz: "Atacamos amanhã de manhã", mas eles não podem receber um dado. Recebem-no dessa forma clara e precisa, vejam, e ficam todos na cama e são todos abatidos e isso é o fim do país, percebem? Isto chega a *reduzir-se ao absurdo* de não se ser capaz de observar nada, não se ser capaz de perceber nada, não se ser capaz de compreender nada, e não ter ARC por coisa alguma, o que me parece uma situação do tipo "morte do theta".

Por conseguinte, acho que há uma grande semelhança entre má educação e aberração. E também acho que se pode fazer muito trabalho neste campo, do ponto de vista de desaberrar as pessoas nos níveis inferiores.

Vou dar-vos um exemplo que me ocorre: "Diz-me -", isto não seria um processo repetitivo, mas "Diz-me uma palavra que não tenhas compreendido nesta vida". E em seguida vocês fariam o indivíduo clarificá-la. Acho que se obteriam alguns dos mais interessantes ressurgimentos. Penso que muitos dos problemas pessoais do indivíduo se desvaneceriam em fumo.

Porém aqui, neste outro assunto do estudo, uma pessoa avança numa abordagem completamente nova de desenredo dos níveis inferiores e linhas de terapia dos níveis inferiores, que parecem bastante prometedoras; parecem bastante prometedoras. Mas eu estou sobretudo interessado é em vocês, cientologistas profissionais a treinar pessoas, que têm de saber alguma coisa acerca deste assunto. Estou interessado na vossa educação neste momento da vossa existência, e a tentar torná-la tão fácil quanto possível e a ensinar-vos alguma coisa sobre ela.

Muito obrigado.